

CRÔNICA DA ÚLTIMA CIDADE

12 tratamento (com revisão de cenas)

Thiago B. Mendonça

Victor Furtado

Com colaborações de Pedro Diógenes, Thaís de Campos, Hector Briones, Victor de Melo, Laila Pas e Julio Adrião.

CENA 01. PAISAGEM RURAL. EXT. DIA

Interior do Ceará. JOÃO, um homem de cinquenta anos em vestes de vaqueiro, bebe água em seu cantil e procura algo na escassa vegetação. Desembainha um facão rústico e golpeia um mato verde. Colhe o mato e caminha até o cavalo CRUZEIRO, dando-lhe de comer. Dá mais uma olhada na paisagem, monta Cruzeiro e segue por um caminho de terra batida em meio à um aglomerado de carnaúbas, dentre muitas palhas secas espalhadas pelo chão. O Sol a pino agora marca um horizonte cerrado e alteado.

CENA 02. ESTRADA. EXT. DIA

Patas de CRUZEIRO no asfalto quente. Som de ferradura sobre o concreto.

Montando Cruzeiro JOÃO canta baixo um bendito. O bendito contrasta com o som dos veículos da estrada.

Cruzeiro para de repente. JOÃO ergue seu rosto e visualiza uma placa de sinalização. Ele tira um envelope do bolso, puxa um papel e verifica uma informação junto à placa.

CENA 03. ESTRADA. EXT. DIA

JOÃO e CRUZEIRO seguem pela beira da estrada. A via pouco movimentada é cortada pelo barulho ensurdecedor de carros e caminhões que passam em alta velocidade.

Mais adiante, eles se deparam com uma carcaça de um gasoduto de ferro pintada de azul e amarelo, protegendo um conjunto de canos grossos, erguidos por muitas colunas que cortam nas alturas toda a paisagem e a estrada, não nos permitindo identificar seu começo nem seu fim.

CENA 04. ESTRADA. EXT. NOITE

Céu estrelado sobre a estrada escura, sem praticamente iluminação alguma.

Cansado, com rosto sonolento, JOÃO puxa CRUZEIRO. Avista uma fumaça e luz de fogueira. Há um som metálico bastante musical vindo da clareira.

CRUZEIRO aparenta estar com o corpo cansado, arrastando sua pegada. JOÃO sai da estrada.

CENA 05. FOGUEIRA. EXT. NOITE

JOÃO aproxima-se da luz do fogo. Avista um homem de uns 30 anos, com feições indígenas, vestido com uma manta de grosso tecido colorido envolto sobre o pescoço. Tem consigo algumas parafernâlias acessórias. Está sentado frente à uma fogueira grande. Ele toca um curioso e minúsculo instrumento metálico.

JOÃO desmonta de CRUZEIRO e caminha discretamente em direção ao homem, como se tentasse preservá-lo em seu ritual, enquanto procura aproximar-se. O relinchar cansado do cavalo desperta o homem de sua música. Eles se olham. JOÃO atravessa a fogueira.

O homem com semblante calmo, de nome TAHIEL, o convida para sentar-se. Tem um forte sotaque latino.

TAHIEL

Siéntese hombre!

JOÃO prende as rédeas de Cruzeiro ao pé de uma rocha próxima a fogueira mas não senta. Eles ficam um tempo calados. TAHIEL o observa curioso.

TAHIEL (CONT'D)

Qué lo trae por estos caminos?

JOÃO não responde.

TAHIEL sorri. Levanta-se rapidamente e vai ao encontro do cavalo, assustando JOÃO que fica em alerta. TAHIEL calcula melhor seu passos enquanto se aproxima do cavalo.

TAHIEL (CONT'D)

(encara o cavalo) Hola amigo.

¿Porqué esta mirada tan triste?

Parece que traes las llagas del

mundo a tus pies!? ¿Cómo te llamas?

JOÃO

O nome dele é Cruzeiro. Mas tu vem de onde?

TAHIEL

Yo no soy de estas tierras. Yo soy de un pueblo de una tierra muy lejana...

JOÃO parece não entender algumas palavras.

TAHIEL (CONT'D)

Si...muy "longe"...Pero vivo desde niño perdido por todo este continente olvidado. Mi nombre es TAHIEL.

JOÃO

João.

JOÃO observa com um misto de graça e desconfiança aquele homem de fala estranha.

TAHIEL

Y usted João? Anda Perdido también!

JOÃO fica sério novamente. Olha para TAHIEL.

JOÃO

Não. Mas preciso chegar na Grande Cidade.

TAHIEL

Las ciudades. La tierra de mis padres fue robada por la ciudad blanca. Por eso vivo perambulando, perambulando, perambulando... por estos tristes y malos caminos.

JOÃO

(irritado) Isso de mal caminho começou mas vai ter fim...

TAHIEL olha com curiosidade a reação exaltada de JOÃO.

CENA 06. FOGUEIRA MENOR. EXT. NOITE.

JOÃO come um pão caseiro enquanto TAHIEL, em uma fogueira menor, cuja chama tem uma coloração estranhamente esverdeada, prepara um chá. Estão agachados lado a lado. JOÃO Compartilha o pão com TAHIEL que o agradece com um sorriso.

TAHIEL

!Que buena suerte que tengo!

JOÃO

Foi feito em casa.

TAHIEL

Eres muy afortunado!

JOÃO não esboça agradecimento. TAHIEL dá sua ultima mordida no pão e olha para a panela, pega um pouco de chá e oferece para JOÃO.

TAHIEL (CONT'D)

Este es un té sagrado (percebe que João não o entendeu e traduz) un chá sagrado. Hecho para revelar nuestros secretos.

JOÃO agradece com a cabeça, mas recusa o chá. TAHIEL toma-o sozinho e aos poucos começa a entrar em outro estado. Parece em transe. Balbucia palavras indecifráveis, agacha-se e saboreia a terra seca nas mãos, levanta-se vagarosamente como em uma dança e gesticula os braços e a bacia numa cadência própria. João recolhe-se junto à suas coisas, desconfiado do que vê (apesar de esboçar um leve sorriso ao presenciar o modo como dança o homem).

TAHIEL vagarosamente altera seu estado para uma espécie de quietude. Para de balbuciar e movimentar-se. Acocora-se até ensaiar uma posição de extrema sonolência.

JOÃO deita-se, tira o papel do bolso e o guarda debaixo da cabeça, junto ao seu facão. JOÃO adormece.

CENA 07. FOGUEIRA. EXT. DIA

JOÃO acorda e não vê Cruzeiro nem TAHIEL. Num susto confere o papel, guarda-o e pega o facão. Levanta-se para procurar os dois. Com raiva levanta o facão a maldizer o estrangeiro que logo o surpreende com sua aparição montado em CRUZEIRO, segurando um urubu morto. TAHIEL estranha a imagem que vê de João e provoca-o.

TAHIEL

!Fuimos a buscar comida para el
día! ¿Pero parece que va a cazar
también? ¿Pero va a cazar a un
bicho o a un amigo?

JOÃO não responde. Contrariado toma o cavalo de TAHIEL. TAHIEL oferece o urubu a JOÃO, mas este nega grosseiramente e, montado em Cruzeiro, pega de novo a estrada. TAHIEL, com o urubu na mão, abaixa a cabeça.

CENA 08. BORRACHARIA. EXT. DIA

JOÃO abre uma torneira e despeja água sob o chapéu, tornando-o um recipiente que CRUZEIRO bebe ávido. Um pequeno estabelecimento de muro surrado escrito "Borracharia" está fechado. João aproveita a torneira e procura encher seu cantil, solapa um pouco de água no quengo enquanto olha ao redor.

CENA 8A. ESTRADA. EXT. DIA

JOÃO caminha puxando CRUZEIRO no acostamento, o sol castiga seu rosto. De longe enxerga alguém se aproximar, seguido de outros, a parecer uma miragem. JOÃO para um pouco até ter certeza de que são pessoas a caminhar em sua direção. JOÃO retoma seu passo com mais cautela.

Passa por ele retirantes urbanos, em trapos miseráveis, que de alguma forma lembram Tahiel. Cada retirante carrega trapos ou uma mala com suas coisas: um aparelho de som a tocar música urbana esquisita, bolsas cheias. JOÃO observa-os reservadamente. Um dos retirantes interage.

YASMIN:

Tem comida?

JOÃO envergonha-se.

JOÃO

Num tenho nada. Só um pouco de
agua.

JOÃO oferece o cantil. YASMIN dá um gole.

YASMIN:

Bonito cavalo, nunca vi um desses.

JOÃO recebe o cantil de volta e aproveita para perguntar.

JOÃO

Ele chama CRUZEIRO. Essa estrada dá
na grande cidade?

YASMIN:

A gente tá vindo de lá.

JOÃO demonstra dificuldade em entender o olhar de YASMIN, que encara JOÃO procurando decifrá-lo.

YASMIN olha o forasteiro por um ultimo instante, parece agradecer com a cabeça e corre para alcançar o grupo amontoado que segue na estrada. Só resta CRUZEIRO e JOÃO, ele mira na direção do grupo e depois na direção oposta.

CENA 09. ESTRADA. EXT. DIA

JOÃO caminha puxando CRUZEIRO. Ele procura no cavalo por algo. Não acha nada. Por seu aspecto percebemos que tem fome. Observa Cruzeiro que retribui o olhar. JOÃO caminha para beira da estrada e corta um mato verde. Dá de comer a Cruzeiro, olhando para aquele mato com uma cara de muita fome.

Olha para o horizonte. À sua frente só estrada. Acima dele o céu, repleto de urubus. JOÃO observa-os de forma reflexiva. A sua volta só há estrada e paisagem seca.

CENA 10. ESTRADA. EXT. DIA/ENTARDECER

JOÃO cavalga extremamente cansado pela estrada.

ELIPSE

JOÃO quase a dormir, corpo caindo, mas com alguma resistência.

ELIPSE

Céu lusco-fusco sobre a estrada escura. Não há quase iluminação alguma. JOÃO dorme com corpo descansando sobre CRUZEIRO, que o conduz pela estrada. Há um som metálico bastante musical vindo de algum lugar, já familiar a CRUZEIRO.

CENA 11. FOGUEIRA. EXT. NOITE

CRUZEIRO caminha por um corredor cheio de ferragens. O lugar parece abrigar estruturas de ferro abandonadas.

JOÃO desperta de Cruzeiro e desmonta, discretamente segue em direção a TAHIEL, que está sentado em frente à uma fogueira com seu curioso instrumento metálico. Senta-se em algum escombros a esperar TAHIEL tocar sua música. Aos poucos TAHIEL abre os olhos que fixam a fogueira.

TAHIEL

(com ar irônico) Los indios shuar, los llamados jíbaros, cortan la cabeza del vencido. La cortan y la reducen, hasta que cabe en un puño, para que el vencido no resucite. Pero el vencido no está del todo vencido hasta que le cierran la boca. "fecham a boca"... Por eso le "costuram a boca, os labios" con una fibra que "jamás se podre".

JOÃO observa desconcertado TAHIEL. Este percebe o mal estar e lhe devolve um sorriso aberto. Oferece com um gesto o pão que JOÃO esqueceu.

TAHIEL (CONT'D)

Tome el pan que ha dejado. Si desea
puede comer lo que queda del
buitre.

JOÃO observa a carne com um certo mal-estar, mas logo bota a carne no pão e come ávido.

TAHIEL come um pouco também para fazer companhia a JOÃO. Depois olha em sua volta e pergunta.

TAHIEL (CONT'D)

Tiene agua?

JOÃO oferece água de seu cantil. TAHIEL prepara novamente seu chá.

TAHIEL (CONT'D)

(fala para si mesmo) Esta agua
también tiene un color extraño...

JOÃO

Em todo canto tá assim...terra
doente e agua ruim.

TAHIEL

La ruina del agua es el hombre,
João.

João concorda com a cabeça. Enquanto prepara a água para seu chá, TAHIEL sente passar a luz do carro no rosto e provoca o amigo.

TAHIEL (CONT'D)

Mira! El lucero anunciador
apareció. De allá venimos!

JOÃO não entende TAHIEL, mas em seguida esboça um pequeno sorriso, parece lembrar de algo. Tira do bolso um papel de carta e um amuleto e fica a olhá-los. TAHIEL percebe JOÃO e preserva sua privacidade. JOÃO ainda olhando para o que tem nas mãos. O silencio perdura.

TAHIEL (CONT'D)

Que bueno que regresó, João. Que
bueno que regresó...

JOÃO simpatiza com a sinceridade do novo amigo. Silêncio perdura.

TAHIEL (CONT'D)

Las palabras de los espíritus de la tierra están desapareciendo...

JOÃO segue mirando os objetos em sua mão.

JOÃO

A terra mesmo seca mantinha nós tudo vivo. Agora que vieram acabar com a nossa vida, de que adianta a terra...

TAHIEL olha com tristeza para JOÃO.

TAHIEL

De allá... venimos... JOÃO.

TAHIEL sorri com os olhos. JOÃO repousa os objetos no chão a sua frente: vemos um desenho rabiscado e um retrato pintado de uma mulher.

CENA 12. FOGUEIRA ~~MENOR~~. EXT. NOITE

As chamas da fogueira sopram faíscas.

TAHIEL (V.O)

El fuego va a limpiar el agua.

JOÃO está com uma xícara, toma um gole pequeno do chá.

TAHIEL (CONT'D)

así vivo caminando por mis tristes
y secretos caminos...

JOÃO toma outro gole do chá. Suas pálpebras abrem-se, seu olhar fixa em uma só direção.

CENA 13. DUNAS. EXT. DIA

JOÃO está sozinho em um deserto diurno. A areia clara nas mãos que cavam sem parar. Os sons dos ventos em alguns momentos misturam-se com o som do bendito murmurado numa voz feminina, como se rememorasse algo perdido no passado.

Em meio ao nada da areia, JOÃO está sem camisa, escava e escava com as mãos. Ouve-se a voz de TAHIEL.

TAHIEL (V.O)

La mujer y el hombre soñaban que Dios los estaba soñando. Dios los soñaba mientras cantaba y agitaba sus maracas, envuelto en "uma fumaça" de tabaco, y se sentía feliz y también estremecido "pela dúvida e o" misterio. Los indios Makiritare saben que "se Deus sonha" con comida, fructifica y da de comer. "Se Deus sonha con a vida", nace y da "nascimento". La "mulher" y el "homem" soñaban que en el "sonho de Deus" aparecía un gran "ovo" brillante. Dentro del "ovo", "eles" cantaban y bailaban y armaban mucho alboroto, porque estaban locos de "vontade" de nacer...soñaban que "no sonho de Deus" la alegría era más "forte que a dúvida e o "misterio; E Dios, soñando, los creaba, y cantando decía: "Rompo este "ovo" y nace la mujer y nace el hombre...

JOÃO tira uma máscara, seu rosto revela tristeza e seus lábios não se mexem. (ref: Piaroas, indígenas amazonas da Venezuela). A voz de JOÃO mistura-se a de TAHIEL.

JOÃO : (V.O.)

“Rompo este ovo y nasce la mujer y
nace el hombre...”

JOÃO tem nas mãos uma cabeça de Jíbaro. Ergue até a altura de
seus olhos. A voz de JOÃO confessa.

JOÃO: (V.O.)

Morto ou vivo, nem morto nem vivo,
eu sou o que se abre, a cova ou a
boca, uma dentro da outra. O cabra
que mata sem honra pede vingança na
ponta da faca. E veio da morte quem
não morreu dançar festa que num se
via.

CORTA PARA

JOÃO caminha pela duna.

JOÃO: (V.O.)

“E juntos viverão e morrerão. Mas
nascerão novamente. Nascerão e
voltarão a morrer...”

Ao longo da caminhada de JOÃO ouvimos a conclusão da história de TAHIEL.

TAHIEL (V.O)

...Y "juntos viverão y morrerão".
Pero "nascerão novamente".
"Nascerão e volverão a morrer" y
otra vez "nascerão". Y nunca
"dejarão" de nascer, porque la
"morte" es mentira."

Duna, mata e cidade formam uma imagem achatada na qual atravessam em silhueta JOÃO montado em CRUZEIRO e TAHIEL a conduzir.

TAHIEL (V.O.) (CONT'D)

Ciudad a la vista!

~~CENA 14. DUNAS. EXT. DIA~~

~~CENA 15. DUNAS. EXT. DIA~~

CENA 16. TUNEL URBANO. EXT/INT. NOITE

O trio encontra-se na boca de um túnel. CRUZEIRO hesita, todos param. JOÃO desmonta seu cavalo. TAHIEL solta um grito para o túnel e é repreendido por JOÃO.

O trio caminha com apreensão por dentro do túnel. JOÃO puxa CRUZEIRO e, desconfiado, saca seu facão. O Som das patas de CRUZEIRO ecoam pelo estranho lugar. O som de ignição de motor surge. JOÃO percebe um sujeito numa moto, com farol aceso a apontar para seus olhos, num cavalo de pau a moto parte. Logo atrás de JOÃO surge outra moto a passar devagar pela via ao lado e depois arrancar com força. TAHIEL assusta-se. JOÃO procura acalmar CRUZEIRO, mantendo-o firme no arreio.

De repente JOÃO se vê rendido por um grupo de dois motoqueiros em cada lado, um montado fazendo cobertura, outro com uma arma tribal rendendo TAHIEL. Um terceiro sujeito, o garupeiro, tem na mão uma grande arma de dois canos, apontando para JOÃO sinalizando que largue seu facão. JOÃO rebola facão no chão. O Garupeiro, sem tirar JOÃO da mira, doma CRUZEIRO, monta-o e parte em disparada. TAHIEL leva um empurrão e as duas motos partem em seguida. TAHIEL levanta-se desesperado a correr atrás da gangue. Apenas JOÃO permanece imóvel no túnel que volta a ficar vazio.

JOÃO pega do chão o seu facão e golpeia no vazio, como se tentasse aplacar a própria dor.

Senta-se ao meio fio em meio à escuridão e o silêncio. Desolado, encolhe-se com as mãos sobre a cabeça, olhando em direção ao chão.

Ouve um barulho crescente de ferradura sobre o concreto. Em seu horizonte aos poucos aparece apenas TAHIEL que se aproxima e, cansado, gesticula com os ombros e uma expressão de tristeza. JOÃO retorna o olhar, cúmplice.

CENA 17. VIADUTO. EXT. NOITE

A dupla caminha por viaduto vazio cheios de luzes na noite deserta. Cidade ao fundo.

TAHIEL (VOZ OVER)

La gran ciudad es un lugar lleno de
de luces brillantes e puertas
cerradas.

Luzes da cidade transformam-se em imagens digitalizadas.

CENA 18. MURO ELETRONICO. EXT. NOITE

Exaustos, encostam-se num muro de LED. Há luzes coloridas que rondam a dupla. Atrás do muro ouvimos o barulho do mar.

TAHIEL

No hay camino hacia adelante...

JOÃO

Não consigo mais andar...

TAHIEL

(tocando o muro) El muro ... (olha
ao redor) hay quienes vigilan el
acceso, no nos quieren aquí...

JOÃO abaixa a cabeça. Fecha os olhos e ouve o barulho do mar. TAHIEL o observa com simpatia. Depois senta-se. JOÃO tira do bolso as imagens de sua família e segue mirando-a. Com um misto de tristeza e cansaço entoa baixinho seu Bendito, enquanto deixa-se cair até encontrar-se sentado.

TAHIEL (CONT'D)

Cancion hermosa...

JOÃO mostra o desenho para TAHIEL.

JOÃO

Aqui é a menina mais velha e os
miúdo são meus filho também. Minha
menina que costumava cuidar dos
mais novo e da casa. Esse mais
miúdo gostava muito do CRUZEIRO.

TAHIEL observa com atenção o desenho e a fotografia nas mãos de JOÃO.

JOÃO (CONT'D)

Minha esposa, nascida no mesmo dia
de nossa senhora do rosário. De
reza forte, cê ia gostar de
conhecer.

Os dois se olham afetuosos. Ambos permanecem sentados no pé do muro de LED, perdidos num descampado sem começo nem fim.

~~CENA 19. ELEVADOR PANORÂMICO. INT. DIA~~

CENA 20. RUÍNAS. INT. DIA

TAHIEL em pé com o sol forte no rosto. Percebe que João ainda dorme. O som de helicóptero atravessa, chamando atenção de TAHIEL que mantém seu rosto pro céu.

TAHIEL

João, mira a este sol!
Despiertarte! Usted no es un tatú
para dormir con el sol!

TAHIEL olha novamente para JOÃO, que segue dormindo. Começa a cantar.

TAHIEL (CONT'D)

Duerme, duerme negrito
Que tu mama esta en el campo
Negrito.
Duerme, duerme negrito
Que tu mama esta en el campo
Negrito

Vira-se e anda vagarosamente em direção ao amigo enquanto canta.

TAHIEL (CONT'D)

...Te va a traer codornices para ti
Te va a traer rica fruta para ti
Te va a traer carne de cerdo para
ti
Te va a traer muchas cosas para ti

TAHIEL se aproxima, joga pedrinhas e chuta areia no amigo.
JOÃO acorda aos poucos ao som da canção.

TAHIEL (CONT'D)

...Y si negrito no se duerme
Viene diablo blanco
Y zás! le Comen la patita!
Yakapumba Yakapumba
Apumba Yakapumba Yakapumba
Yakapumba

Aproxima-se de JOÃO, que sentado segue despertando. Pega o pão caseiro, tira um pedaço e come um pouco.

TAHIEL (CONT'D)

Duerme duerme negrito
Que tu mama esta en el campo
Negrito
Trabajando, sí
Trabajando duramente
Trabajando, sí
Trabajando y va de luto
Trabajando, sí
Pal negrito chiquitito (pausa)
Despierta Despierta Joãocito
tu misión está adelante,
Joãocito...

JOÃO

(sorrindo, já desperto) É pra acordar ou pra dormir?

TAHIEL ri e oferece ao amigo o pedaço de pão de forma terna. Um som violento de sirene de fábrica soa alto, despertando curiosidade e temor na dupla.

Ambos viram o rosto e vêem alguém em trajes esquisitos que mais parecem um uniforme espacial, a segurar uma máquina nas mãos, adentrar as ruínas.

CENA 21. RUÍNAS. INT. DIA

O lugar tem muitas colunas e escombros, O VELHO parece se movimentar de forma estranha e sistemática a procurar algo nas paredes da ruínas, tem nas mãos um detector de metais, cujo som de apito constante sinaliza que algo foi encontrado.

O VELHO joga uma caixa cheia de objetos eletrônicos arruinados e enferrujados no chão - parece organizar e empilhar os objetos eletrônicos e alguns escombros do lugar. TAHIEL oferece um pedaço de pão, o VELHO demora a parar de fazer suas atividades, levanta-se e tira o capuz, seu rosto todo raspado revela cicatrizes na cabeça e tristeza nos olhos. TAHIEL e JOÃO recuam dois passos, num misto de espanto e reserva. Eles se olham, procuram entender com quem estão lidando. O VELHO se aproxima de TAHIEL e apenas o olha, procura encará-lo, aproxima-se a um palmo dele. VELHO pega o pedaço de pão e come ávido enquanto distancia-se.

TAHIEL segue-o, procura soltar um grito indígena que faz com que o VELHO retorne a olhá-lo mas sem se aproximar da dupla. JOÃO tenta vê-lo melhor, mas o VELHO distancia-se.

Noutro cômodo das ruínas a dupla encontra o VELHO recolhido, com metade de seu uniforme e balbuciando vira-se para JOÃO, seu corpo tem um suor verde. Aproximando-se de JOÃO.

VELHO

Agravo de instrumento...análise
espectroscópica alega letalidade...
400 rem ... 560 rem... alega
letalidade... honorário pericial...
os autos não foram remetidos...
exposto a radiação ionizante...560
rem... num era nanômetro...se fosse
150 rem... falha do software... num
era nanômetro...exposto agravo de
instrumento... Análise
espectroscópica alega letalidade...
está em conformidade...560 rem num
era nanômetro...se fosse 150 rem
(olhando para JOÃO) não adianta
lutar...

A sirene volta a tocar, entristecendo o VELHO, que foge do cômodo. JOÃO percebe um papel antigo no chão do cômodo, é o mesmo papel que JOÃO carrega, deixando-o curioso a encontrar novamente o VELHO.

CORTA PARA

Sala destruída de escritório, VELHO passa rápido. Pátio externo com cadeira fóssil, VELHO passa rápido enquanto fecha novamente seu uniforme. Corredor sujo, VELHO passa rápido enquanto sobe seu capuz. Porta quebrada de Elevador com escada improvisada, VELHO adentra o buraco do elevador. Instantes depois chega JOÃO e TAHIEL e, com certo receio, TAHIEL puxa JOÃO para adentrar o buraco.

~~CENA 22. CORREDOR SOMBRIO. INT. DIA.~~

CENA 23. BAR. INT. NOITE

JOÃO e TAHIEL saem de um corredor escuro. A música é parte do ambiente. Estão dentro de um ambiente sujo: Algumas gravuras de mal gosto nas paredes descascadas, uma cabeça de boi pendurada numa coluna, e uma coruja de porcelana decora o balcão sujo de madeira.

No fundo do bar uma mesa de jogos com quatro tipos esquisitos ao redor. O VELHO passa por um sujeito encostado numa das paredes sujas, diz algo em seu ouvido e sai por uma porta ao lado do jogo.

No balcão duas irmãs servem as bebidas. Ambas são bem humoradas. Uma, CRIS, é mais discreta, enquanto a outra, LINDÔ, é espalhafatosa. JOÃO tira seu chapéu, enquanto olha para o lugar, de aspecto escuro. TAHIEL também observa. Os dois aproximam-se do balcão. CRIS e LINDÔ fita-os com curiosidade.

João observa o sujeito magro encostado na parede, enquanto TAHIEL pede algo para beber.

TAHIEL

Una cachaça, por favor.

CRIS

(com curiosidade) Vocês são de onde?

LINDÔ dispõe com rudeza no balcão a garrafa de cachaça e encara TAHIEL, que entende e se serve, enchendo os dois pequenos copos. Apenas TAHIEL bebe.

TAHIEL

(sorrindo) Yo soy de afuera, pero él es de acá.

LINDÔ

(com ar descrente) de acá de onde?

JOÃO parece atordoado e não responde.

TAHIEL sorri sem jeito, olha para uma mesa no fundo do bar, onde estão a jogar, e parece encantar-se com alguma ideia sua. Dirige-se a João.

TAHIEL

Tengo suerte con esas piedras
preciosas. Si usted tiene un dinero
podemos ganar más.

CENA 24. MESA DE JOGO. INT. NOITE

Há dois homens e uma mulher jogando um mágico jogo de
tabuleiro. Um terceiro homem observa a partida. TAHIEL
aproximam-se, dá uma espiada no jogo e sorri, tentando
socializar-se.

TAHIEL

Cabe más uno?

Os homens entreolham-se com cara de desdém.

HOMEM 1

(rudemente) Tem dinheiro?

TAHIEL mostra a única nota que tem, coloca na mesa e senta-
se. Começa então uma partida apostada.

CENA 25. BAR. INT. NOITE

Enquanto as partidas prosseguem, TAHIEL firma-se como vencedor. Com seu jeito simpático ele segue o jogo sendo receptivo aos homens da mesa, que tornam-se cada vez mais hostis. TAHIEL bate pedra na mesa, recolhe dinheiro. Um dos homens cerra os olhos. TAHIEL bate a pedra na mesa, recolhe dinheiro, sorri. LINDÔ gargalha loucamente. O HOMEM 1 bufa de raiva. TAHIEL grita.

CRIS e LINDÔ conversam entre si sobre a situação difícil que estão vivendo no bar sob pressão de gente do poder. JOÃO tira seu envelope do bolso e se dirige a elas.

JOÃO

A senhora sabe onde é isso?

LINDÔ

(ri alto) Senhora é? Tá me tirando ó... (olha o papel com desdém) esse lugar aí nem quero saber.

CRIS

Num tem um lugar melhor pra ir,
não?

LINDÔ coloca cana num copo de vidro e bebe. JOÃO recebe o envelope de volta, atordoado insiste na pergunta.

JOÃO

(para CRIS) Eu preciso chegar lá,
pode me dizer onde fica?

CRIS

Ouvi falar que dá pra ver o mar.(se
aproxima e sussurra) É um outro
mundo fora da nossa realidade...

TAHIEL

(sorrindo) El universo está lleno
de otros mundos. Y sólo uno de los
mundos ha vencido siempre. Una,
duas... muchas dosis João!

LINDÔ gargalha.

LINDÔ

Ô bicho esquisito, esse gringo.

JOÃO, do balcão, olha de longe e percebe o clima pesado da mesa de jogo. Vira-se e pede mais duas doses.

CRIS cochicha para JOÃO.

CRIS

Essa é ultima dose. O pessoal daqui não costuma perder de forasteiro.

JOÃO torna-se apreensivo.

CRIS (CONT'D)

É melhor vocês andarem... porque não quero confusão. Já tenho prejuízo demais aqui.

Assim que pega um dos copos, JOÃO percebe que os homens da mesa levantam-se furiosos com o amigo. TAHIEL leva o soco na cara e cai. JOÃO corre de um só passo para cima dos homens, tenta bater em um deles enquanto apanha de outro.

CENA 26. ESQUINA DESERTA. EXT. NOITE

A dupla aparece em uma esquina. TAHIEL tem o rosto ferido mas parece não notar. JOÃO está com uma das mãos sangrando, segurando seu facão na outra mão. JOÃO guarda o facão e percebe o amigo ferido. JOÃO tenta cuidar da ferida e é surpreendido por um abraço de TAHIEL

TAHIEL

(triste) foi sem querer, João. Foi sem querer....

JOÃO fica sem jeito, mas recebe o abraço de TAHIEL, que levanta o rosto e diz ao amigo.

TAHIEL (CONT'D)

yo no creia....

Uma mulher negra, DONA DE JESUS, observa a cena sentada na calçada, com o colo carregado de tralhas.

DONA DE JESUS

Não tem amigo nessa cidade não.

Os dois olham atônitos aquela estranha mulher. Ela sorri com seus dentes afetados pela pobreza e levanta-se com alguma dificuldade.

DONA DE JESUS (CONT'D)
Vocês são loucos! Olhe por onde cês andam.

CENA 27. RUA DESERTA / PRÉDIO ABANDONADO. EXT. NOITE

A dupla caminha seguindo DONA DE JESUS, que vai guiando. A mulher com seu andado coxo, dificultado pelo peso das tralhas que carrega, leva-os à uma entrada de muro quebrado, rente a um prédio abandonado.

JOÃO e TAHIEL param diante das ruínas de um dos andares, de frente a uma parede com azulejos ainda intactos. DONA DE JESUS pega um pouco de álcool e joga numa madeira. Reaviva um fogão improvisado com tijolos, que logo clareia ao redor. Um homem passa pelas ruínas e a cumprimenta. A dupla percebe que aquele terreno abriga mais pessoas.

A mulher oferece uma caneca com água para JOÃO e aponta para um canto.

DONA DE JESUS
Ali tem alguns papelões pra vocês descansarem.

JOÃO agradece com um sorriso e bebe um pouco da água, rasga um pedaço da própria camisa para fazer uma atadura na mão ferida. TAHIEL junta-se a DONA DE JESUS para ajudar a colocar uma panela no fogo.

Duas crianças passam brincando, uma delas em cima de um skate elétrico girando ao redor de João enquanto outra lança no ar uma espada de luz que esbarra em João. Elas riem. João sorri um tanto desconcertado, tenta manusear a espada brilhante. Uma das crianças se aproxima e pega com carinho em sua mão ferida, com curiosidade observa o curativo. JOÃO não consegue dizer nada. A outra criança pega a espada de volta e pede seu chapéu, JOÃO parece esquecer de sua família e coloca o chapéu na cabeça da criança.

CENA 28. RODA DE CONVERSA. INT. NOITE

Estão sentados em torno do fogão improvisado com uma panela a ferver. TAHIEL, JOÃO, DONA DE JESUS, YASMIN, uma travesti cigana em trapos urbanos, e PIRRITA, um velho sereno também com jeito de cigano, acompanhado de dois cachorros aos seus pés, entre papelões. TAHIEL observa as chamas. João observa o espaço.

JOÃO

Onde mora esse pessoal?

DONA DE JESUS

Na cidade ou se vive nos palácios
ou se vive nas ruínas.

Um silêncio se faz presente. Os três homens olham as chamas da fogueira. DONA DE JESUS começa a falar sobre uma viagem que fez para a Itália toda paga pela filha e seu marido italiano. Conta um caso. YASMIN aproveita e fala de um caso de violência que sofreu e conclui confessando que quer ser artista.

Logo após, PIRRITA emenda a conversa também partilhando um caso de quando chegou na Praça do Ferreira ainda menino e que por lá morou durante quarenta anos. TAHIEL bebe sua cachaça e oferece a JOÃO, que nega, ambos observam com atenção. Seus rostos parecem compenetrados dentro das palavras de PIRRITA.

Vemos agora a chama intensa da fogueira. Seu vermelho e azul em movimento formam uma imagem abstrata.

O rosto de TAHIEL se ilumina mais que o normal. Como se a fogueira subisse repentinamente sua chama.

TAHIEL

... "Ninguno de aquellos viajeros parecía irritado contra el furioso animal, colgado de su cuello y pegado a su espalda; hubiérase dicho que lo consideraban como parte de sí mismos".

(MORE)

TAHIEL (CONT'D)

(olha para cada um) La quimera que llevo, resignado, es tener que escuchar tantas historias que no he vivido. Y seguir agradeciendo por poder escucharlas siempre.

TAHIEL cerra os olhos e sorri resignado. O olhar de João mira como se pela ultima vez seu amigo, depois concentra-se na fogueira, como se olhasse para dentro de si mesmo. Os quatro ficam em silêncio observando o fogo a queimar.

CENA 29. PRÉDIO ABANDONADO. INT. DIA

No dia seguinte JOÃO prepara um café numa panela na fogueira improvisada de um dos tonéis. Prédios novos podem ser vistos da janela, chamando a atenção de JOÃO. DONA DE JEUS aparece e surpreende-se com JOÃO. Ela procura ajudá-lo a coar o café numa meia que ela carrega consigo. JOÃO oferece a ela uma xícara. Enquanto ela toma sua bebida, JOÃO aproxima-se e a agradece.

JOÃO

Agradecido Dona de Jesus. Eu vou lembrar sempre da sua serventia amiga.

A Mulher sorri em retribuição.

DONA DE JESUS

Sei que num é de meu interesse
mas... pra onde vocês vão?

JOÃO

(olhando para o amigo) O Taniel num
sei dizer, parece não ter destino.

JOÃO pega a carta e mostra para DONA DE JESUS.

JOÃO:

Minha passagem aqui é abreviada. Eu
preciso dar fim a uma situação.

DONA DE JESUS olha para JOÃO, procurando decifrá-lo. Depois
olha para a carta em suas mãos.

DONA DE JESUS

Eu não sei ler não, vá me
desculpando. Mas já vi esse código
aqui.

DONA DE JESUS vira-se para o tonel e corta o pão caseiro com uma faca afiada. JOÃO dá um gole do café.

JOÃO

A senhora lembra onde viu?

DONA DE JESUS come o pão.

DONA DE JESUS

Nunca conheci. Essas coisas assim não é feita pra mim não. Mas é perto daqui.

JOÃO guarda a carta e se aproxima.

JOÃO

(atento) Perto onde?

DONA DE JESUS

É um lugar muito esquisito de muro grande, (Seus olhos apontam a direção) é só seguir por essa vareda lá, mas num sei se o senhor consegue entrar não.

(MORE)

DONA DE JESUS (CONT'D)
(olha pra João com carinho) Toma
cuidado pra num comer osso roído.

JOÃO
(dissimulado) eu volto logo.

JOÃO deixa a caneca numa bancada arruinada, percebe perto uma
faca afiada, pega-a discretamente e guarda no bolso.

CENA 30. PORTÃO MARÍTIMO. EXT. DIA

JOÃO está de frente a dois grandes portões gradeados. Na
grade há um sinal de pare. JOÃO está arrodado de um grande
muro que protege grandes torres de aero-gerador. A maresia é
forte. JOÃO ergue sua mão mostrando o papel. Os portões
abrem. Ele titubeia temeroso, mas depois segue em frente.

CENA 31. PATIO. EXT. DIA

Um grande aero-gerador domina o céu. JOÃO aparece em quadro,
seu olhar, um pouco apreensivo, parece procurar algo e fixa
numa direção.

CENA 32. AREA EXTERNA. EXT. DIA

Caminha enquanto vemos no fundo uma linha de céu repleta de
prédios que mais parecem maquetes.

JOÃO está parado em frente a uma estrutura com vidros espelhados que refletem o mar e a cidade.

CENA 33. HALL VAZIO. INT. DIA

JOÃO enxerga por entre os vidros a silhueta de alguém adentrando a estrutura, se aproximando de JOÃO.

Um homem em silhueta para no meio do hall, está diante de uma extensa parede de vidro. JOÃO está do lado de fora e caminha um pouco mais, como que pareando-se. JOÃO caminha até a porta transparente que abre-se automático. JOÃO adentra o espaço interno e atrás de si a porta é fechada.

o FUNCIONÁRIO, alto e magro, de cabelo curto, cerca de quarenta anos, está de frente a JOÃO, mas ainda distante.

FUNCIONÁRIO:

João, que bom que você veio.

FUNCIONÁRIO abraça-o simpaticamente. JOÃO explode e num lampejo de raiva empurra-o para longe, seus punhos cerram.

JOÃO:

(com raiva) Cadê?

JOÃO avança pelo hall. O FUNCIONÁRIO alerta-o mostrando a faca afiada em sua mão. JOÃO encara de perto o FUNCIONÁRIO, que o ameaça com a faca. JOÃO tem a respiração ofegante, aproveita uma investida e tenta agarrá-lo.

O FUNCIONÁRIO desvencilha-se, ignora-o e segue pela área a dançar, aproveita e joga com muita força a faca ao longe, causando enorme raiva em JOÃO que avança, o FUNCIONÁRIO corre para agarrá-lo com as mãos e empurra-o para longe. JOÃO avança novamente e num duelo de forças procura apertar a cabeça de FUNCIONÁRIO, que zomba de JOÃO. Exaurido, JOÃO é dominado por FUNCIONÁRIO que o empurra até a área externa.

CENA 34. AREA EXTERNA. EXT. DIA

O FUNCIONÁRIO empurra-o no chão e dá uma esmagadora pisada em JOÃO. Sem forças, JOÃO tem o rosto no chão, espremido pelo pé cravado do FUNCIONÁRIO. JOÃO começa a levantar-se e acaba por se ver no reflexo espelhado do painel de vidros da varanda. A imagem que encontra de si é de um homem com blusa social branca e gravata frouxa, com rosto todo machucado e com sangue. O FUNCIONÁRIO chega por trás de JOÃO, colocando-lhe um paletó de trabalho, e aperta sua gravata. JOÃO fica a olhar-se atônito, esquecendo do FUNCIONÁRIO, que agora mira-o pelo reflexo do espelho. O FUNCIONÁRIO sai adentrando o edifício, JOÃO permanece um pouco até sair de quadro na mesma direção que o FUNCIONÁRIO.

CENA 35. HALL SEGUNDO ANDAR. INT. DIA

JOÃO ajeita seu cabelo e barba enquanto sobe pela escada rolante.

No hall de cima um grupo de pessoas bem vestidas em trajes executivos conversam baixinho enquanto esperam. JOÃO chega para recepcioná-los. O grupo e JOÃO mantém uma curta distancia, a ser observada em silhueta com a vista mar ao fundo.

JOÃO

Disculpen el retraso. Esta es nuestra inversión, ha costado 240 millones. Vidrios blindados, estructura de metal blanco. Pueden seguirme.

JOÃO sinaliza com a mão e caminha, o grupo o segue enquanto se distanciam do hall.

JOÃO (CONT'D)

Fortaleza es el punto de Brasil más cercano a Europa, Estados Unidos y África. Como pueden ver, hemos callado para recibir grandes barcos. La proyección es de más de un millón de turistas en esta alta estaca.

CENA 36. VARANDA. EXT. DIA

Cidade ao fundo. JOÃO solitário na varanda. Seu rosto continua com sujeira e sangue.

JOÃO (CONT'D)

Os Jíbaros cortam a cabeça do vencido. Cortam e diminuem a cabeça até que caiba num punho, ~~para que o inimigo não ressuscite.~~ Mas o inimigo não está vencido até que lhe fechem a boca. ~~Por isso que costuram a boca~~ com uma linha que jamais se rompe.

JOÃO olha a vista da cidade.

FIM